

Aquelas que cuidam, que lutam, e que sobrevivem: um olhar nas principais mulheres de *A Year of Wonders* de Geraldine Brooks
Profa. Mestra Bárbara Maia das Neves (UNESA/FTESM)

Desde o início de sua ocupação neste mundo enquanto *homo sapiens*, a humanidade tem sido afligida por diversos males, desde uma simples gripe, que possivelmente matou muitos em seu contágio inicial e que hoje não passa de um problema qualquer para a maioria da população, até as mais recentes crises de saúde como a gripe aviária ou mesmo a AIDS.

Algumas doenças foram erradicadas quase que totalmente, como a varíola¹; outras surgem, ao que parece, de forma inesperada. E ainda há aquelas cujos mecanismos continuam um mistério apesar de todo o nosso avanço científico. No entanto, o que parece não ter variado muito é a reação humana aos problemas que afligem o próximo.

Primeiramente acredito ser relevante abordar a questão a partir de um ponto de vista religioso, principalmente o que a concepção Judaico-Cristã no Ocidente e o Islamismo no Oriente pregam(avam) em relação ao tratamento dos doentes. Enquanto os antecessores e seguidores de Cristo pregavam a exclusão do corpo doente da comunidade, o mesmo não acontecia com os discípulos de Maomé, que acreditavam na ajuda ao próximo, em especial aos enfermos, como sua principal missão neste plano de existência. Tal procedimento, ainda que encontrado de forma igual nas palavras de Cristo, enfrentou resistência entre o Povo de Israel e seus seguidores por conta do Velho Testamento, em que aqueles acometidos especialmente pela lepra sofriam uma espécie de morte social: ainda que vivos, não tinham direito a mais nada. Como exemplo, temos a seguinte passagem do Capítulo XIII, versículos 44-46 do livro do *Levítico*, em que normas são apresentadas para o comportamento dos leprosos:

Portanto, todo aquele que estiver manchado de lepra, estiver separado por juízo do sacerdote, terá os vestidos descosidos, a cabeça descoberta, a boca coberta com o vestido, e clamará que está contaminado e impuro. Durante todo o tempo que estiver leproso e impuro, habitará só, fora dos acampamentos.²

¹ WATTS, Sheldon. *Epidemics and History: Disease, power and imperialism*. New Haven: Yale University Press, 1999. P. 121.

² BIBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Traduzida pelo Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1964. P. 136.

A grande questão que parece ter levado a comportamentos tão divergentes parece residir no fato de que enquanto a população judaico-cristã via a doença como uma manifestação de castigo divino, como as pragas egípcias que mataram os primogênitos de cada família, os muçulmanos viam a doença a partir de uma perspectiva diferente. De uma forma irônica, William H. McNeill debate em seu *Plagues and Peoples* (1976) como os muçulmanos viam a doença como castigo para os infiéis, e, simultaneamente, como um chamado de Alá para seus crentes, pois morrer de praga seria uma forma do Criador trazer para perto de Si aqueles que tanto amava.³ No entanto, independente da concepção adotada, o *Alcorão* prega apoio e solidariedade àqueles que se encontram afligidos por algum mal, e considera covardia abandoná-los neste momento de necessidade; como demonstra o capítulo XXIV intitulado “Luz”: “Não há pecado em o cego, o aleijado ou o doente comer em tua mesa. (...)”⁴ Ainda assim, este raciocínio lhes custou caro: McNeill cita o fato de que, se por um lado o enclausuramento de doentes na Europa medieval reduziu, mesmo que um pouco, o contágio pela peste negra, por outro, a solicitude islâmica ajudou a disseminação da doença e o aumento do número de mortos e infectados.⁵ Não se pode ganhar sempre.

O que se vê na concepção cristã de contágio de pragas é corroborada pela visão do filósofo Peter Singer que Débora Diniz e Dirce Guilhem abordam em seu *O que é bioética* (2002). Por um lado Singer fala da supervalorização animal de hoje em dia, em que os animais – especialmente os de estimação – recebem tratamentos similares ou melhores àqueles dispensados a seres humanos. Isto de certa forma representou um avanço no sentido de tratar os animais de forma mais humana, sem causar-lhes sofrimentos desnecessários. Por outro lado, o estudioso debate a questão da ideologia especista, ou seja, a convicção de que os seres humanos são superiores aos outros animais. Tal atitude foi muito corrente na Europa cristã da peste negra: as pessoas simplesmente não acreditavam que, enquanto seres criados à imagem e semelhança de Deus e, portanto, seres superiores no planeta, pudessem ser afetados pelas criaturas inferiores feitas por Ele, como pulgas e ratos. Tal

³ McNEILL, William H. *Plagues and Peoples*. New York: Anchor Books, 1998. p. 198.

⁴ *The Koran*. (2004) p. 253. *Tradução minha*.

⁵ McNEILL, W. (1998) p. 199.

pensamento é retratado por Sheldon Watts em seu *Epidemics and History* (1997) e persistiu durante muito tempo durante o imaginário coletivo até o desenvolvimento do microscópio pelo empresário holandês Antony van Leeuwenhoek no século XVII. A partir de então, o ser humano foi se dando conta de um universo escondido que tanto lhe tem sido benéfico quanto prejudicial.

Ainda que o trabalho das duas autoras a seguir se concentre mais em estudos feministas e na loucura, Hélène Cixous e Catherine Clément, em um artigo intitulado “The Sorceress and the Hysteric” (1986)⁶, falam da perturbação causada pela loucura e de como esta, mais tarde, perde seu caráter de “novidade” e passa a ser parte de um esforço coletivo para ser incorporada no dia-a-dia, de modo que a rotina volte ao normal e a doença seja esquecida. Assim como as pessoas consideradas insanas vão perdendo seu caráter de novidade e tenta-se retomar a rotina, durante as epidemias as pessoas só desejam voltar às suas vidas normais. Michel Foucault em seu *Vigiar e Punir* (1975)⁷ e Daniel Defoe no seu *A Journal of the Plague Year* (1722)⁸ apresentam medidas utilizadas durante a segunda leva da peste negra no século XIV, as quais serviam para evitar o contágio da população sadia. No entanto o que melhor se apreende na obra de Defoe é a preocupação do narrador com o abandono da cidade de Londres, já que muitos buscaram refúgio nas cidades menores, a perda de seus hábitos quotidianos – como passar nas lojas de conhecidos e parentes – e o medo dos constantes assaltos e assassinatos.

Esta mesma linha é encontrada no que Elizabeth Kübler-Ross apresenta em seu livro *Sobre a Morte e o Morrer* (1969)⁹. Nesta pesquisa desenvolvida com pacientes terminais ao longo de sua carreira, Kübler-Ross apresenta estágios da morte¹⁰ que normalmente são vivenciados por pacientes terminais. Em especial parece ter relevância aqui falar de dois deles: a negação e a barganha. No primeiro deles o paciente não vê explicação para estar passando

⁶ CIXOUS, Hélène & CLÉMENT, Catherine. *The Newly Born Woman*. London: I. B. Tauris Publishers, 1996.

⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002.

⁸ DEFOE, Daniel. *A Journal of the Plague Year: A Norton critical edition*. New York: W. W. Norton, 1992

⁹ KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹⁰ São eles: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

por este doloroso processo. Como exemplo, a autora relata casos de pacientes que sobreviveram a guerras mundiais e morrem em acidentes de carro ou leucemias.¹¹ Já no segundo o que se vê é que o paciente tenta encontrar formas de adiar o inevitável: estas formas variam desde promessas de ser uma pessoa melhor até mesmo a tentativas de “suborno” das instâncias divinas com promessas de construções de altares e similares.

Ao longo deste estudo sobre pestes e epidemias, uma autora de grande relevância é Susan Sontag e suas obras *Illness as Metaphor* e *AIDS and Its Metaphors* (1979 e 1989, respectivamente).¹² Nesta obra conjunta, a autora relata desde suas experiências pessoais enquanto paciente de câncer até o estudo desenvolvido com a propagação da tuberculose no passado e da AIDS e sua influência no mundo de hoje. Sontag apresenta como por vezes as metáforas são mais perigosas que as próprias doenças em si, pois o estigma de corrupção da carne (ainda uma consequência das visões bíblicas), o medo por contágio e o desejo de auto-preservação por parte dos ditos sadios acabam por tornar a vida do paciente mais desoladora. Sontag associa o combate a doenças ao linguajar de uma guerra, em que o inimigo, neste caso quase invisível, é causador de grandes baixas quando não consegue ser aniquilado. McNeill persiste nesta questão da guerra ao apresentar uma visão de Darwinismo social, em que grupos dominantes compreendem o fato de estarem livres da doença como uma forma de mostrarem sua superioridade em relação a outros grupos sociais.

A obra a ser debatida neste trabalho trata-se de um romance histórico, a primeira obra de ficção da jornalista australiana radicada nos EUA Geraldine Brooks: *A Year Of Wonders* (2001). Nesta obra o leitor se sente inserido no contexto da segunda leva da peste negra na Inglaterra, após o período da dominação de Oliver Cromwell. Na pequena aldeia de White Peak em 1666, a viúva Anna testemunha a morte de seus filhos, parentes e amigos pela peste negra. Anna, mulher de pouca erudição, utiliza os recursos que tem à mão para poder ajudar quem pode. Neste lugar a comunidade, instigada por seu líder religioso, decide se trancar dentro de seus limites e evitar qualquer contato com

¹¹ KUBLER-ROSS, E. 2005. p. 17.

¹² SONTAG, Susan. *Illness as Metaphor and AIDS and Its Metaphors*. London: Penguin Books, 2002.

estranhos. Ao contrário do Príncipe Próspero no conto de Edgar Allan Poe, não é para evitar o contágio, posto que já estão com a moléstia no seu meio, mas sim uma tentativa altruísta de evitar infectar outras pessoas. Os únicos que apresentam uma atitude similar ao nobre do conto de Poe são os membros da família Bedford, que em sua riqueza e opulência abandonam os servos à própria sorte e buscam refúgio em outros lugares menos contaminados.

Baseado em um evento real, ocorrido na cidade de Eyam, Inglaterra, Brooks apresenta um panorama sobre a questão do Outro, como debatida por Linda Hutcheon no seu *A Poética do Pós-Modernismo* (1988)¹³ e Adam Roberts no seu *Science Fiction* (2000)¹⁴: aqueles que não se encaixam, os ex-cêntricos, normalmente são vistos com desconfiança e recebem a culpa pelos eventos. No caso da obra de Brooks, eles são especialmente mulheres que só querem ajudar e são vistas como bruxas pela sociedade e mortas; ou devotos de um Puritanismo decadente, mas que ainda assusta com suas visões de fogo e enxofre. A religiosidade mostra aqui seu caráter mais perverso, não apenas na figura dos autoflagelantes que buscam o que já vimos citado por Kübler-Ross como a dita “barganha” contra a morte, mas também até nas pessoas que se utilizam das crenças dos outros na tentativa de obter dinheiro e favores especiais. A atitude de reclusão da aldeia pode ser principalmente justificada pelas palavras do radical Puritano Thomas Stanley: “Mr. Stanley believed that sickness was sent by God to test and chastise those souls He would save. If we sought to evade such, we would miss the lessons God willed us to learn, at the cost of worse torments after our death.”¹⁵

Toda a narrativa é contada por Anna, que ao final de suas aventuras na sua cidade acaba por morar em um califado no Oriente Médio e lá decide escrever seu diário contando tudo que viu e viveu. Anna representa um modo de vida de muita coragem e até mesmo de mente aberta com relação ao que se passa, ainda que por muitas vezes não entenda plenamente o que está se passando. Apesar de toda a sua dedicação aos doentes, ela não consegue

¹³ HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

¹⁴ ROBERTS, Adam. *Science Fiction*. New York: Routledge, 2000.

¹⁵ BROOKS, Geraldine. *Year of Wonders*. New York: Penguin Books, 2001. P. 39. “O Sr. Stanley acreditava que a doença tinha sido enviada por Deus para testar as almas que Ele iria salvar. Se tentássemos escapar de tal provação, perderíamos as lições que Ele nos ensinaria às custas de provações ainda piores depois de nossa morte.” *Tradução minha*.

salvar a todos e ainda se arrisca; entretanto, enquanto narradora, Anna recebe o que Elana Gommel cita em seu artigo “The Plague of Utopias: Pestilence and the Apocalyptic Body” (2000): o narrador da peste recebe uma imunidade, que pode ser temporária ou não, para que possamos ter acesso ao seu relato e saber o que aconteceu.¹⁶

Anna tem como grande aliada a esposa do pastor, a Sra. Elinor Mompellion. No entanto, parece ser relevante mostrar que por trás das atitudes de desprendimento e auxílio propagadas pelas duas mulheres, algumas diferenças cruciais merecem destaque. Como já visto anteriormente, Anna é uma mulher de pouco estudo, que vai de forma empírica testando o que vê, buscando, assim, tirar suas conclusões sobre os males de White Peak. Ela percebe a questão dos ratos que acabam por matar seu filho e o de uma vizinha; ela tem noção de como o alfaiate que morava em sua casa pode ter inadvertidamente trazido a Peste para o seu vilarejo, mas Anna não dispõe de recursos para ampliar a sua ajuda. Elinor, membro de família abastada, tem todos os recursos educacionais que fazem com que ela saiba montar um jardim com plantas que irão trazer alívio a várias moléstias, sabe ler livros que podem trazer alguma ajuda na empreitada contra a Praga e faz questão de repassar todo este conhecimento para sua amiga.

Ainda assim, as diferenças vão além do âmbito sócio-cultural. De um lado temos Anna, que parece querer ajudar a todos apesar de suas desgraças pessoais por um puro instinto de solidariedade e compaixão para com o próximo. Do outro, temos Elinor, que parece também ser movida por um sentimento de ajuda. Entretanto, ela tem um pecado em seu passado a compensar: o fato de ter ficado grávida de um antigo namorado que a abandonou e ter abortado o bebê para tentar salvar sua honra. Elinor só confessa este passado muito mais tarde na obra, mas a partir deste momento fica claro que nas suas tentativas de salvar os outros está também a tentativa de salvar a si mesma de seus pecados.

Apesar de sua condição inferior na sociedade de seu povoado e de muitas dificuldades e lutas constantes pela sobrevivência, Anna faz mais do

¹⁶ GOMEL, Elana. “The Plague of Utopias: Pestilence and the Apocalyptic Body” (2000) Disponível na internet via: http://www.findarticles.com/cf_0/m0403/4_46/75141042/print.jhtml Acesado pela última vez em 15 de abril de 2007.

que muitos personagens, ricos ou pobres, e reflete sobre o que ocorre na sua vida em que busca respostas para o que se passa. Seu principal questionamento, ainda que sem resposta definitiva, parece ser o porquê de esta Praga existir e se ela realmente tem algum sentido:

“Why should this [Plague] be either a test of faith sent by God, or the evil working of the Devil in the world? One of these beliefs we embraced, the other we scorned as superstition. But perhaps each was false, equally. Perhaps the Plague was neither of God nor the Devil, but simply a thing in Nature, as the stone on which we stub a toe.”¹⁷

Através desta consideração, Anna revela um pensamento à frente de seu tempo e que, mesmo nos tempos atuais, não é de todo aceito. As pessoas sempre buscarão algum sentido para o que as aflige: por que vivemos? Por que Deus nos envia moléstias? Por que pessoas boas morrem tão cedo? Ainda hoje, a sociedade tem sempre que buscar uma justificativa para o que a assusta, e é desta maneira que atitudes de intolerância vão sendo mantidas contra os doentes e os diferentes.

Por esta perspectiva, mais intrigantes que a própria narradora são algumas das outras mulheres que aparecem no romance, personagens de alguma forma excluídas da sociedade por seu estilo fora do convencional. Seria interessante falar das chamadas bruxas da região: a de fato e a de nome. Na obra parece haver uma interligação entre essas duas categorias, o que pode gerar confusão ao leitor. No entanto, vale a pena perceber como a obra mostra mais uma vez como o preconceito é um grande aliado na propagação de moléstias e de atitudes vergonhosas. À margem da cidade vivem duas mulheres: viúva Mem Gowdie e sua protegida Anys. Elas ajudam quem precisa, dão conselhos às mulheres para que levem uma vida saudável e tentam mostrar o valor de toda uma atitude de mente aberta com a vida; no entanto, estas mesmas mulheres que tanto ajudaram a população de White Peak acabam sendo consideradas bruxas pelo seu uso de ervas e por suas atitudes pouco convencionais em relação a casamento e diferenças entre os sexos. Quando a cidade busca alguém para culpar, elas são as primeiras a serem enforcadas na esperança de apaziguar a ira divina, pois como dizem os

¹⁷ BROOKS, Geraldine. P. 215. “Por que esta [Praga] deveria ser ou um teste para provar a fé em Deus ou um trabalho do Diabo no mundo? Uma dessas crenças nós abraçamos, a outra abominamos como superstição. Mas talvez as duas sejam igualmente falsas. Talvez a Praga não seja nem de Deus nem do Diabo, mas apenas algo da Natureza, como uma pedra em que tropeçamos” *Tradução minha*.

membros da família Hamilton, o sangue da dita bruxa pode levar a praga que assola a mãe do clã:

“Your blood will drive this sickness from my mother’s body.’ In the circle, Hamilton’s oldest boy, Jude, held his mother in his arms. Rubbing her hand over Mem’s scratched and bleeding cheek, Faith stood up unsteadily and smeared the blood on her mother’s neck, where the Plague sore rose throbbing.”¹⁸

Ainda assim é justamente o pastor que propõe o fechamento da cidade que irá mostrar o grande erro cometido pela população de White Peak. Ainda que seus esforços sejam em vão, o Pastor Mompellion e Anna são as únicas pessoas a tentarem ajudar as mulheres.

Além das supostas bruxas, a bruxa de fato que aparece nesta obra é a madrasta de Anna, Aphra. Enquanto madrasta, Aphra parece seguir o padrão dos contos de fadas de ser má, invejosa e vingativa, tornando a vida da enteada um inferno. Ela irá mostrar seu pior lado juntamente com o marido Josiah, pai de Anna, ao explorar as credices e medos da população assustada. Como critica Daniel Defoe no seu *A Journal of the Plague Year*, as pessoas passam a se valer de amuletos e outras credices para tentar obter proteção contra o mal. Aphra e Josiah se valem de subornos e superstições para conseguir tirar algum lucro desta situação. Vendendo palavras mágicas escritas em tiras de papel e se disfarçando de fantasmas para assustar as pessoas, este casal não vê nenhum problema em suas armações, até serem pegos pela população enfurecida. Ao final do romance Aphra revela ser uma bruxa mais “ao pé da letra”, por realmente intencionar fazer pactos com o demônio e amaldiçoar aqueles que a desagradam de alguma forma; porém, esta bruxa de fato é ignorada pela cidade, o que resulta na tragédia de sua loucura e no assassinato da esposa do Pastor Mompellion, Elinor, que muito ajudou o povo, e sempre combateu os golpes de Aphra. A bruxaria na obra de Brooks, ainda que um pouco secundária no grande cenário da obra, revela ser mais um momento em que é possível ver como as epidemias e pragas trazem à tona o que o ser humano tem de melhor, mas, principalmente, o que tem de pior, como a ignorância e o preconceito.

¹⁸ BROOKS, Geraldine. P. 88. “‘Seu sangue irá tirar a doença da minha mãe.’ No círculo, o filho mais velho de Hamilton, Jude, segurava a mãe nos braços. Esfregando a mão dela sobre a bochecha ferida sangrando de Mem, Faith se levantou cambaleante e passou o sangue no pescoço da mãe, onde a marca da Praga pulsava.” *Tradução minha*.

A obra de Brooks, ainda que retratando um período distante da nossa realidade atual, demonstra como a questão da doença ainda está longe de ser devidamente tratada pelo ser humano. A ciência tenta cumprir o seu papel buscando curas e tratamentos que possam de alguma forma aliviar o sofrimento dos que padecem. Entretanto, a sociedade ainda tem muito que evoluir para aprender a lidar com essas questões de forma humana. Enquanto a mesma ciência for utilizada como uma ferramenta de estímulo à diferença e exclusão (pois em geral os melhores tratamentos não são de acesso a todos) e enquanto as pessoas se deixarem levar por superstições e crendices, as pragas servirão como elemento de distinção e subjugação do Outro, afastando ainda mais a sociedade harmoniosa e próspera que ansiamos para as futuras gerações.